

**Resumo:** Apresento, neste artigo, o resultado obtido em minha pesquisa dos contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico. O resultado dessa investigação define uma gramática de natureza V2 que licencia formas diferentes dessas construções. O resultado obtido também revela que a posição de realização dos clíticos nessas sentenças é fortemente correlacionada com a posição ocupada pelo sintagma topicalizado em Comp. Considerando os efeitos-V2 que emergem na formação dessas construções, descrevo o português clássico como uma gramática de natureza V2, com propriedades similares ao português antigo (RIBEIRO, 1995). Como hipótese de trabalho, proponho que o verbo finito se move para o núcleo Fin nas sentenças principais e subordinadas dessa gramática. Por outro lado, a pesquisa mostra que ocorrem mudanças na frequência de uso e nas configurações estruturais dessas construções a partir do século 18. Assumo que as mudanças estruturais são desencadeadas por uma nova gramática em processamento no português europeu naquele período histórico. Apresento também propostas de análises para justificar a ausência de efeitos de localidade na formação de estruturas de tópico e foco em contextos de sentenças de ordens V2/V3/V4. As análises propostas estão ancoradas no Projeto Cartográfico de Rizzi (1997, 2004a).

Palavras-chave: Estruturas de tópico e foco; gramática-V2; Deslocação Clítica à Esquerda.

**Abstract:** *I present in this article the result of my research of the contexts of formation of Topic and Focus structures in Classical Portuguese. The result of this investigation defines a V2 grammar which produces different forms of these structures. The result obtained also shows that the clitic placement is strongly correlated with the position occupied by topicalized phrase in CP. Considering the V2 effects on the formation of these structures, I describe Classical Portuguese as a V2 grammar, with similar syntactic properties to the Old Portuguese (RIBEIRO, 1995). As a working hypothesis, I propose that the finite verb moves to Fin head in the main and subordinate sentences. Moreover, the research shows some changes related to the frequency and to the structural configurations of these V2 sentences in this language from 18th century. I assume that the structural changes are triggered by a new grammar in process in European Portuguese in that historical period. I also present some analyses to justify the absence of locality effects in the formation of Topic and Focus structures in sentences that project V2/V3/V4 orders. The proposed analyses are anchored in Rizzi's Cartography Project (1997, 2004a).*

*Keywords: Topic and focus structures; V2-grammar; Clitic Left Dislocation.*

## INTRODUÇÃO

O resultado alcançado na investigação, feita junto ao Corpus Tycho Brahe3, dos contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português europeu no período denominado clássico revela haver comportamentos sintáticos distintos no licenciamento dessas construções no eixo do tempo submetido à pesquisa. O português em uso nos séculos 16 e 17 se assemelha ao português antigo (RIBEIRO, 1995) no licenciamento dessas construções. Em condições semelhantes ao português antigo, os dados levantados na pesquisa apresentam sintagmas topicalizados e/ou focalizados nos padrões de ordem V2/V3/V4, realizados nas formas de estruturas de Topicalização-V2, Focalização-V2 e Tópico marcado.

Contra-pondo-se ao italiano e a outras línguas do romance moderno, que dispõem de sintagmas com a função de tópico na forma de estrutura de Deslocação Clítica à Esquerda, mas não os licencia na forma de estruturas de Topicalização, legitimando, nessa configuração, sintagmas que carregam o acento de foco (CINQUE, 1990; RIZZI, 1997, 2004a), o português clássico licencia ambas as construções. A pesquisa revela que os autores nascidos entre o século 16 e século 17 apresentam frequência maior de objetos topicalizados na forma de estrutura de Topicalização-V2.

## (1) Estruturas de Topicalização-V2:

(a) e que isto segure Joham Ango de modo que nam aja niso duvida nem debate ao diante.

(D. João III, 1502)

(b) A gloria do desenho e perfil ou traço concederão os antigosa Parrhasio, Antígone e Senocrate, os quaes screverão da pintura, a qual no desenhoconsiste. (F. de Holanda, 1517)

(c) Bom conselho te deu teu mestre. (M. Bernardes, 1644)

(d) Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o naõ largou por espaço de sessenta annos. (M. da Costa, 1601)

## (2) Estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda:

(a) ao austinado move-o á compunção; o mundano á penitencia; o contemplativo á

contemplação e medo e vergonha. (F. de Holanda, 1517)

(b) que a Hércules convidaram-no os conflitos e fizeram-no Hércules os trabalhos. (M. da Costa, 1601)

(c) A fragata “Fortuna” a teve ainda melhor do que escreve Lanier, (A. Vieira, 1608: Cartas).

(d) Aos apóstolos sagrados trocou-lhes a pesca de peixes pela de homens, no mar do século. (M. Bernardes, 1644)

Por outro lado, a pesquisa mostra que o português clássico também licencia estruturas de tópico e/ou foco de forma marcada nas ordens V3/V4, em configurações variantes quanto à disposição de um ou de dois sintagmas pré-verbais dentro da estrutura prosódica da oração. Há ocorrências nas quais o elemento em posição mais alta na periferia à esquerda, na categoria de um sintagma referencial, carrega a função de tópico contrastivo, sendo realizado como um adjunto em posição externa ao contorno intonacional da frase. O elemento que precede imediatamente o verbo ocupa a posição de tópico e/ou foco dentro da estrutura prosódica da oração, satisfazendo, nessa posição, o requerimento de efeitos-V2:

(3)

mas como a César as armas não impediam a ciência, assim ao Grande VIEIRA a ciência não impedia as virtudes. (A. de Barros, 1675)

A categoria de adjunto do sintagma pré-verbal no contexto de sentenças de ordem V3 é confirmada nas ocorrências de ordem SOV, com o sujeito em posição mais alta na periferia à esquerda e o objeto em posição mais baixa, carregando a função de tópico e/ou foco, realizado dentro da estrutura prosódica da oração.

(4)

(a) mas todavia eu a el-rei sirvo de Portugal, (F. de Holanda, 1517)

(b) e eu nenhuma outra cousa pretendo e rogo. (M. de Melo, 1608: Cartas)

(c) El-Rei tudo sabia (M. de Melo, 1608: Tácito)

(d) e a embriaguez tudo confunde com tumultos (M. Bernarde, 1644)

De outra parte, o português dos séculos 16 e 17 licencia objetos na categoria de sintagmas não referenciais na ordem OSV, com esse constituinte ocupando a posição mais alta em Comp e o sujeito expresso precedendo imediatamente o verbo. A categoria de sintagma não referencial do objeto nessas construções define a função de foco que esse elemento carrega (BARBOSA, 1991, 1996, 2009; CINQUE, 1990; KATO, 1998, 2009; RAPOSO, 2000; RIZZI, 1987, 2004a; entre outros):

(5)

(a) Tôda a outra dor eu lhe perdôo e o mais que disserem de mim; (A. Chagas, 1631).

(b) tudo as damas podem dever a este Rey, escusando suas vaydades. (B. de Brito, 1569)

(c) porque, como disse Publico Mímio, nenhuma cousa o avaro faz boa senão quando morre, porque deixa o que tem a quem possa usar dele. (R. Lobo, 1579).

O objeto carregando o acento de foco, por sua força quantitativa, é excluído de ser interpretado na categoria de elemento gerado na base. O elemento focalizado tem de estar ligado a uma variável sintática (RIZZI, 1997, p. 292). De acordo com a posição hierárquica de projeção dos núcleos funcionais em Comp, proposta por Rizzi (1997, 2004a), o sujeito em posição mais baixa pode ser interpretado a ocupar o Spec de Top3. Por conseguinte, nessas sentenças de ordem OSV, o objeto, carregando o acento

de foco, e o sujeito, precedendo o verbo, integram a estrutura prosódica da oração.

Ocorrem mudanças de comportamento sintático no licenciamento dessas construções nos dados dos autores nascidos entre o século 18 e meados do século 19. Entre as mudanças sintáticas mais visíveis atestadas na pesquisa, observei haver restrição da frequência de uso de sintagmas com funções gramaticais diferentes de sujeito e/ou adjuntos adverbiais em posição pré-verbal. Com respeito ao licenciamento de objetos topicalizados, evolui a frequência de uso menor de estrutura de Topicalização-V2, aumentando, nesse período, a frequência de estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda. No contexto de sujeito pré-verbal em sentenças raízes com clíticos, evolui a frequência de uso maior da forma enclítica.

Organizei este artigo em duas seções. Na primeira seção, apresento uma síntese do resultado obtido na pesquisa dos contextos de formação e uso de estruturas de tópico e foco nos textos dos autores nascidos entre o século 16 e século 17. Na segunda seção, aponto as mudanças de comportamento sintático evidenciadas nos textos dos autores nascidos entre o começo do século 18 e meados do século 19 nas formas de manifestação de estruturas de tópico e/ou foco.

1. O licenciamento de estruturas de Topicalização/Focalização-V2 e Tópicos marcados no português dos séculos 16 e 17.

Nos corpora formados com o levantamento de sentenças raízes e subordinadas finitas de ordem V2/V3/V4 dos textos dos autores nascidos entre o século 16 e século 17, com argumentos e/ou advérbios em posição pré-verbal interpretados como tópico e/ou foco, comprovei que 83,6% dessas produções projetam a ordem V2.

Como hipótese de trabalho, assumo que a ordem V2 do português clássico é projetada com a subida do verbo finito associado a T para o núcleo Fin e deslocamento de um constituinte qualquer, inclusive do sujeito, para a posição de tópico e/ou foco, projetadas dentro da estrutura prosódica da oração. Defini essas

construções como estruturas de Topicalização/Focalização–V2, nos moldes de Ribeiro (1995), na descrição da ordem V2 licenciada no português antigo.

Assumo, junto a Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), não haver, nas sentenças do português dos séculos 16 e 17, uma posição pré-verbal específica para o sujeito, podendo esta posição ser ocupada por qualquer constituinte da oração. Assim considerando, as construções com sujeito pré-verbal, levantadas dos textos dos autores nascidos nesse período, correspondem a construções nas quais esse elemento ocupa a posição de tópico ou foco dentro da oração ou ocupa, na forma de um adjunto, uma posição externa à fronteira prosódica da frase. No corpus em estudo, 40,5% das ocorrências de ordem V2 apresentam o sujeito ocupando a posição pré-verbal. Dentro da hipótese de trabalho que ofereço no desenvolvimento da pesquisa, a ordem V2 é projetada quando o sintagma fronteado ocupa a posição interna à estrutura prosódica da oração, carregando este elemento, respectivamente, as funções de tópico/foco, ou mesmo quando um advérbio, nessa posição, não carrega nenhuma dessas duas funções.

Os dados levantados mostram que o português desse período manifesta estruturas de tópico e/ou foco com o fronteamento de qualquer constituinte da oração e uso de sujeito expresso em posição pós-verbal na forma de inversão germânica:

(6)

(a) Na Côrte andou este Rei dous anos, (D. Couto, 1542).

(b) E isto cometeo o Turco, porque ficou mui assombrado de Dom Estevão da Gama chegar com sua Armada até o porto de Suez, cousa que êle nunca receou. (D. Couto, 1542).

(c) Ao senhor António do Couto me faça Vossa Mercê mercê da mesma recomendação.

(M. de Melo, 1608: Cartas).

(d) A região de Arabia deserta povoou Arabo. (B. de Brito, 1569)

Por outro lado, os dados pesquisados mostram que o português dos séculos 16 e 17 licencia estruturas de tópico e/ou foco na ordem padrão V2 com o sujeito posposto ao verbo também em configuração de inversão românica, projetando as ordens XVXS, XVXXS, XVXXXXS, com o sujeito realizado em posição mais baixa, sendo precedido por um ou mais de um constituinte da oração, inclusive pelo objeto direto:

(7)

(a) E por Dezembro do mesmo ano, tomou posse dele o Padre Frei Jerónimo Borges, primeiro vigairo do convento de Viana. (L. de Sousa, 1556)

(b) Não me espanto que pelo mar corram perigo os homens (M. de Melo, 1608: Cartas)

(c) Deste soberano sentimento teue revelação a Madre Elena, (M. do Céu, 1658)

Constatedei, nessa investigação, que 83,6% das ocorrências com sujeito pós-verbal são realizadas em configuração de inversão germânica. Apenas 16,4% dessas construções projetam a inversão românica.

Uma das evidências empíricas emergidas na pesquisa da realização do objeto topicalizado em posição interna à oração é a generalização de uso de clíticos em próclise nessas produções de ordem V2 e, por conseguinte, de restrição de sua formação em sentenças com clíticos dispostos em ênclise. Nas formulações de Galves (2000, 2003), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), assentadas na restrição da Lei de Tobler-Mussafia,<sup>4</sup> a disposição do clítico nas sentenças V2 do português dos séculos 16 e 17 define a posição estrutural de realização do constituinte em posição pré-verbal. A presença da próclise é fator que assegura a posição interna à estrutura prosódica da frase de realização do sintagma pré-verbal; o uso da ênclise, nessas estruturas, define o constituinte pré-verbal em posição anterior a essa fronteira, na condição de elemento em adjunção:

(8)

(a) As outras tres vos encomendo que, có a moor brevidade que poderdes, llançais fora esoutras tres, (D. João III, 1502)

(b) Três novas me dá Vossa Mercê tôdas grandes e tôdas dignas de reflexão. (C. Brochado, 1651)

(c) e o trellado me enviareis pera o eu ver. (D. João III, 1502)

(d) Grandes duas novas nos trouxeram as cartas de Vossa Excelência dêste correio,

(A. Vieira, 1608: Cartas)

Investiguei, nesses dados, a frequência da categoria do objeto fronteadado, definindo a taxa de uso de pronomes demonstrativos (dêíticos), sintagmas nominais, pronomes pessoais, sintagmas quantificados (nomes/pronomes demonstrativos precedidos de quantificadores) e quantificadores nus prepostos com essa função. A quantificação dos dados indica que os autores, em ambos os séculos, licenciam com frequência maior objetos fronteados na categoria de sintagmas nominais.

Outro fato apontado na pesquisa é a manifestação no português desse período de estruturas de tópico e/ou foco por movimento longo. No corpus, registrei ocorrências com frequência mais restrita de objetos topicalizados/focalizados formadas por movimento longo. Nessas construções, o objeto de uma oração subordinada se desloca para a posição de tópico ou foco da oração matriz:

(9)

(a) E o coreo que esta vos dara māderya Alvaro Mendez que despachase de laa em gramde diligemçia, (D. João III, 1502)

(b) A petição creio oferecerá o senhor Bispo de Ene em dia de São José, (M. Bernardes, 1644)

(c) estas nos dizião elles, que caçavam tâbem de rapina no chaõ, (M. Pinto, 1510)

(d) Tanto amor sabem aqueles Índios lhes tem os Padres, que esta só promessa bastava para os render. (A. de Barros, 1675)

Outra particularidade do português dos séculos 16 e 17, confirmada na pesquisa, é a formação de estruturas de tópico e/ou foco com sintagmas descontínuos. Na forma de sintagmas descontínuos, o sujeito ou o predicado de uma mini-oração sofre movimento para a posição de tópico ou foco, permanecendo o restante do material *in situ*, dentro do VP. A frequência predominante de uso de sintagmas de mini-orações fronteados, carregando a função de tópico ou foco, é verificada com o deslocamento do sujeito dessas estruturas. Não há restrição quanto à categoria de sintagmas referenciais ou não referenciais dos sujeitos de mini-orações fronteados:

(10)

(a) A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. (M. da Costa, 1601)

(b) As ruínas veria Vossa Mercê lastimosas, se agora aqui se achasse, no estrago que fez um depósito de pólvora, (A. de Gusmão, 1696)

(d) Este nobre animal vi muitas vezes sculpido em pé e correndo, mas nunca deitado.

(F. de Holanda, 1517)

(c) A Guilherme criou Marquês de Monferrato; (R. Lobo, 1579)

(11)

(a) tanto que nenhuma outra cousa tinhão por maior admiração, nem milagre, (F. de Holanda, 1517)

(b) nenhuma cousa perdereis da minha & da vossa herança. (A. Brandão, 1584)

(c) & alguns destes ultimos firmão como testemunha. (A. Brandão, 1584)

(d) Todos os alívios de Vossa Mercê estimo como próprios, porque tôdas as suaspenas e ânsias me afligem como minhas (A. Chagas, 1644)

O deslocamento para a posição pré-verbal de sujeito de mini-orção, carregando a função de tópico ou foco, em ambientes V2 e o sujeito oracional em configuração de inversão germânica são fatores que evidenciam a propriedade dessa gramática de licenciar sintagmas descontínuos na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2.

Dentro da proposta de Rizzi (1997, 2004a), os especificadores dos núcleos funcionais projetados em CP das sentenças do italiano e outras gramáticas do romance moderno são licenciados por conteúdos substantivos de traços de seus núcleos, dessa forma, sendo de categorias diferentes, ocupam posições diferentes em Comp. Na perspectiva dessa proposta, assumo que nas sentenças de ordem V2 do português clássico com objeto ou outro constituinte da oração frontado, carregando as funções de tópico ou foco, esse elemento ocupa, respectivamente, a posição de Spec de Foc ou Spec de Top, projetados no sistema de CP.

Nas formulações de Rizzi (1987, 2004a), os núcleos projetados entre Force e Fin são dotados inerentemente com traços EPP, desencadeando a criação de um especificador e a atração de um elemento, estabelecendo, assim, a relação Agree em configuração Spec-head. Assim considerando, proponho que, nas estruturas de Topicalização e/ou Focalização de ordem padrão V2 licenciadas no português dos séculos 16 e 17, o sintagma pré-verbal ocupa o Spec do núcleo correspondente, projetado no sistema CP para acomodar o constituinte que carrega essas funções: Spec de Foc ou Spec de Top. A realização do sintagma pré-verbal em qualquer um desses especificadores satisfaz o requerimento de efeitos V2, estabelecendo a relação Agree em configuração Spec-head. Nas construções V2, não há violação das restrições de minimalidade com o deslocamento do sintagma para a posição de tópico ou foco passando sobre o núcleo Fin. A formação dessas construções sem efeitos de minimalidade confirma a proposta de Antonelli (2008) de não haver projeção do Spec de Fin nessas construções. O traço EPP desse núcleo é satisfeito via movimento do verbo.

Na perspectiva dessa proposta, argumento que, nas ocorrências em (9), o objeto da oração subordinada se desloca por movi-

mento A-barra para a posição de tópico ou foco da oração matriz. Não há violação da restrição de Configuração Mínima (RIZZI, 2004b, p. 225) com o deslocamento do objeto para a posição de tópico ou foco da oração matriz. Em análise centrada na proposta cartográfica de Rizzi (1997, 2004a), assumo que o objeto fronteado na oração matriz, carregando a função de tópico ou foco, ocupa a posição de Spec de Top ou o Spec de Foc, projetados dentro da estrutura prosódica dessa oração.

Por outro lado, a pesquisa mostra que o português desse período também licencia o deslocamento de sujeitos de orações subordinadas para a posição de tópico ou foco, projetada dentro da oração matriz:

(12)

(a) Os capitães e pesoas que quaa anda, mādarey que se partam lloguo. (D. João III, 1502)

(b) O verniz cuidão alguns que é inventado n'este tempo, e elle é achado por Apelles, famoso pintor, segundo se vê em C Plinio aos livros XXXV. (F. de Holanda, 1517)

(c) Esta Ilha afirmam os naturaes, que tem de comprido quinhentas léguas suas, que fazem trezentas sessenta e seis nossas. (D. Couto, 1542).

(d) E uma cousa e outra , diz Nazianzeno que é de gente nécia, (L. de Sousa, 1556).

Dentro da proposta de análise que ofereço, não há violação da Restrição de Configuração Mínima com o deslocamento do sujeito da oração subordinada para a posição de tópico ou foco da oração matriz. Em condições semelhantes ao objeto, o sujeito da oração subordinada se desloca para a posição de tópico ou foco da oração matriz, ocupando, nessas construções, a posição de Spec de Foc ou de Spec de Top, projetados dentro da estrutura prosódica dessa oração.

Ressalto aqui o fato evidenciado na pesquisa de haver restrição nos textos dos autores nascidos nesse período de uso de es-

estruturas de tópico ou foco no padrão de ordem V3/V4 formadas por movimento longo. As ocorrências de estruturas de tópico *e/* ou foco formadas por movimento longo, levantadas nos textos, apresentam apenas o objeto *e/ou* o sujeito deslocado da oração subordinada precedendo o verbo da oração matriz.

Seguindo a proposta de Obenauer (1983, 1994) de haver efeitos de minimalidade nas cadeias A-barras com a intervenção de especificadores A-barras (apud RIZZI, 2004b, p. 225), infiro que, nas sentenças do português clássico em (12), o sujeito da oração matriz, por se posicionar num Spec – A, não afeta uma cadeia A-barras com o deslocamento do sujeito da oração subordinada para a posição de tópico *e/ou* foco da oração matriz.

Os sintagmas deslocados para a posição de tópico ou foco satisfazem o requerimento de efeitos-V2, condição esta empiricamente evidenciada pela tendência dessa gramática de licenciar estruturas de tópico na forma de estruturas de Topicalização-V2, com a projeção do núcleo Top dentro da estrutura prosódica da frase. A disposição de clíticos em próclise nessas construções define a realização do sintagma pré-verbal dentro da oração (GALVES, 2003; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

Dentro das considerações de Cinque (1990, p. 63), um constituinte focalizado é inconsistente com um clítico resumptivo. Nos conceitos de Rizzi (1997, p. 290), uma das características diferenciadoras entre as estruturas de tópico e foco do italiano moderno é a natureza quantificacional do elemento que carrega a função de foco, mas não do sintagma que carrega a função de tópico. Segundo Rizzi, os elementos quantificacionais nus que não são associados a uma restrição lexical dentro do DP não podem ser tópicos, não sendo, portanto, licenciados nas construções de Deslocação Clítica à Esquerda.

Assumindo a restrição de sintagmas não referenciais carregarem a função de tópico, separei as ocorrências que dispõem de sintagmas quantificados/quantificadores nus do conjunto de dados de objetos fronteados no padrão de ordem V2. Quantifiquei as ocorrências de objetos topicalizados na forma de estruturas de

Topicalização-V2 e estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda. O resultado da quantificação desses dados confirma a tendência dos autores nascidos entre o século 16 e século 17 de licenciar objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2. A taxa média de frequência de uso de estruturas de Topicalização-V2 nos dados referentes aos dois séculos é de 84,3%. Apenas 16,3% das ocorrências de objetos topicalizados configuram estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda.

Conforme acentuei na dissertação da tese, ainda que os dados dos autores nascidos nesse período apresentem estruturas de tópico e/ou foco nos padrões de ordem V3/V4, a frequência de ocorrência dessas construções no corpus é restrita, confirmando a condição de estruturas de ordem marcada dessas construções.

Em configuração V3, objetos carregando a função de tópico ou foco são licenciados nas ordens variantes XOVO/OXV, com o elemento X na categoria de um sintagma preposicional, um sintagma adverbial, uma estrutura oracional apositiva e/ou com o sujeito ocupando a posição de X:

(13) Ordem OXV:

(a) & ao Rey com hum pao muyto grosso fez botar os miolos fora, & tornou de novo a senhorear o reyno de Aarù, de que logo intitidou por Rey o seu filho mais velho, (M. Pinto, 1510)

(b) esta pois perfeçãõ sobre todas amou a Madre Elena como quem conhecia o seu valor. (M. do Céu, 1658)

(c) e a Vossa Excelência como seu herdeiro conhecerei sempre por meu amo e senhor,

(A. Vieira, 1608: Cartas)

(d) Muitas cousas a este intento traz Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, no livro segundo que se intitula, Noticia de Portugal, (A. Brandão, 1584)

(14) Ordem XOVO:

(a) Com este rigor nenhuma comparação tem o Juizo de Deus (A. Vieira, 1608: Sermões)

(b) Verdadeiramente dous grandes e dificultosos conhecimentos achamos nestes casos.

(M. de Melo, 1608: Cartas)

(c) desde esse tempo nada desejei senão padecer dentro e fora e fora (M. Bernardes, 1644)

(d) pois dele nenhuma menção faz. (L. de Sousa, 1556)

Em se tratando do uso de estruturas de tópico e/ou foco de ordem V3 com o sujeito e o objeto precedendo o verbo, a tendência do português clássico é deslocar o sujeito para a posição mais alta à esquerda da oração e o objeto para a posição que precede imediatamente o verbo, configurando a ordem SOV. Das ocorrências de estruturas de tópico e/ou foco de ordem V3 com sujeito pré-verbal, registradas no corpus, 84,1% dessas produções projetam a ordem SOV:

(15) Ordem SOV:

(a) que vos ao dito Corvarão nam fales niso (D. João III, 1502)

(b) mas todavia eu a el-rei sirvo de Portugal, (F. de Holanda, 1517)

(c) se eles alguma cousa fezerá como nam deviam, e pasaram meu mandado, que sabendo eu quem errou, nam pasara sem castigo; (D. João III, 1502)

(d) porque os Italianos nenhum nome, ou verbo, acabam em consoante, senão em vogal, com que notoriamente ficam corrompendo a mor parte dos vocábulos Latinos. (S. de Faria, 1583)

Apenas 15,9% dessas produções são realizadas na ordem estrutural OSV. Nessas produções, o objeto, em posição mais alta, pode ser realizado por um sintagma não referencial, o que define sua interpretação como foco. Nessa ordem, registrei, entre esses dados, ocorrências que licenciam objetos na categoria de sintagma referencial carregando a função de tópico contrastivo.

(16) Estruturas de foco de ordem OSV:

(a) porque, como disse Publico Mímio, nenhuma cousa o avaro faz boa senão quando morre, porque deixa o que tem a quem possa usar dele. (R. Lobo, 1579).

(b) tudo as damas podem dever a este Rey, escusando suas vaydades. (B. de Brito, 1569)

(c) Tôda a outra dor eu lhe perdôo e o mais que disserem de mim; (A. Chagas, 1631)

(17) Estruturas de tópico contrastivo de ordem OSV:

mas como a César as armas não impediam a ciência, assim ao Grande VIEIRA a ciência não impedia as virtudes. (A. de Barros, 1675)

Outras ocorrências de objetos topicalizados na ordem SOV, com o sujeito expresso em posição mais alta na categoria de sintagma não referencial, confirmam a propriedade do português dos séculos 16 e 17 de licenciar sentenças de ordem V3 com os dois elementos pré-verbais integrando a estrutura prosódica da oração. A categoria de sintagma não referencial do sujeito nessas sentenças me permite interpretá-los como elementos que expressam foco.

(18) Ordem SOV com sujeito em posição de foco:

(a) Tudo seus avessos tem. (M. Bernardes, 1644)

(b) E, porque, sendo a verdade a alma das histórias, ninguém desta duvide, advirto que é tomada de autores de primeira nota neste género, (M. Bernardes, 1644)

(c) Outros toda a polvora gasto em dar conselhos politicos a quem lhos não pede,

(M. da Costa, 1601)

Assumo que, nas ocorrências em (16) e (18), a categoria de sintagma não referencial do objeto e/ou do sujeito, em posição mais alta, os exclui de serem interpretados como tópicos. Assim considerando, o licenciamento de sentenças de ordem OSV/SOV,

com o objeto e/ou o sujeito carregando o acento de foco em posição mais alta na estrutura da frase ratifica a propriedade do português clássico de licenciar a projeção de dois núcleos funcionais na periferia à esquerda dentro da estrutura prosódica da oração. Nessas produções, a função de foco carregada pelo objeto e/ou pelo sujeito em posição mais alta delimita a fronteira prosódica da oração nessa posição.

Outras ocorrências de ordem V3/V4, encontradas no corpus, com o sujeito expresso em posição mais alta, precedido por partículas de foco e/ou na categoria um quantificador, evidenciam empiricamente a propriedade do português desse período de licenciar mais de um sintagma em posição pré-verbal dentro da estrutura prosódica da oração:

(19)

(a) E até Quintiliano na perfeição da sua Rhetorica manda que não sómente no compartir das palavras o seu orador debuxe, mas que com a propria mão saibatraçar e deitar de desenho. (F. de Holanda, 1517)

(b) Sempre eu em verdade folgarei de ouvir a Michael Angelo, mas quando se leremas epistolas de São Paulo, antes quero ouvir a frate Ambrosio. (R. Lobo, 1579).

(c) ninguém com mais sutileza penetrava o sentido delas. (L. de Sousa, 1556)

Em contrapartida, os dados levantados dos textos dos autores nascidos entre o século 16 e século 17 mostram que o português desse período licencia estruturas de tópico em contraste, nas quais o objeto deslocado é realizado fora da estrutura da frase, na condição de um adjunto. O estatuto de adjunto é defendido por Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Galves e Paixão de Sousa (2005) para sujeitos pré-verbais com a função de tópico contrastivo em sentenças que superficializam a ordem V2 com clíticos em ênclise. A frequência restrita de ocorrência de objetos carregando a função de tópico contrastivo nos dados dos autores

por mim investigados confirma a condição de estrutura marcada dessas produções.

Em síntese, na descrição das estruturas de tópico ou foco no padrão de ordem V3 com sujeito pré-verbal, os dados dos autores nascidos nos séculos 16 e 17 revelam que o português desse período licencia sentenças de ordem V3 com os dois sintagmas pré-verbais dentro da estrutura prosódica da oração. Nessas ocorrências, o sintagma em posição mais alta expressa, necessariamente, a função de foco. Nas ocorrências que licenciam o sintagma em posição mais alta, carregando a função de tópico contrastivo, esse elemento é realizado em posição anterior à fronteira prosódica da oração, na forma de um adjunto.

Em condições diferentes do sujeito das ocorrências em (15), que apresentaria efeitos de minimalidade passando sobre o Spec de Foc ou sobre o Spec de Top3, as construções de foco de ordem OSV são licenciadas com o movimento do sintagma focalizado passando sobre o sujeito no Spec de Top3, uma posição A-barra, sem produzir efeitos de minimalidade. Dentro da proposta de Rizzi (1987, 2004a), a ausência de efeitos de minimalidade se deveria à natureza diferente dos traços pertinentes a esses núcleos: o núcleo Foc, dotado de traços substantivos e traços específicos, no caso, traços quantitativos; e o núcleo Top3, dotado exclusivamente de traço EPP. Na perspectiva da análise que adoto (ANTONELLI, 2008), o traço EPP dessa posição é checado pela morfologia do verbo associado ao núcleo Fin.

## *2. Mudanças de comportamento sintático no licenciamento de estruturas de tópico e foco no português a partir do século 18.*

O primeiro fato empírico visível de mudança de comportamento sintático nos textos dos autores nascidos a partir do século 18 em relação ao comportamento dos autores nascidos nos séculos 16 e 17 é a evolução da frequência de uso menor de sintagmas com funções gramaticais diferentes de sujeito e adjuntos adverbiais em posição pré-verbal, em sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem V2.

Por outro lado, contrariamente aos fatos atestados nos dados dos autores nascidos nos séculos 16 e 17, que apresentam regularidade de uso maior de objeto topicalizado na forma de estruturas de Topicalização-V2, os dados dos autores nascidos a partir do século 18 apresentam evolução da frequência de uso maior de objetos topicalizados na forma de Deslocação Clítica à Esquerda.

Nos textos dos séculos 16 e 17, como aponte, a taxa média de uso de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda é de 16,3%; nos textos dos séculos 18 e 19, a taxa média de uso dessas estruturas é de 49,7%. O uso de estruturas de Topicalização-V2 e/ou estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda na diacronia apresenta o seguinte resultado:

Outras mudanças sintáticas ocorrem no licenciamento de estruturas de tópico/foco no português desse período. Entre as mudanças mais visíveis, atestei restrição generalizada de fronteamo de objetos por movimento longo. Não encontrei, nos textos dos autores nascidos nesse período, ocorrências de estruturas de Topicalização/Focalização por movimento longo, com objetos deslocados na forma de sintagmas completos e/ou na forma de sintagmas descontínuos. Nesse contexto, os dados desses autores apresentam ocorrências de estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda:

(22)

(a) e a todos parece que o Soberano os vê (M. Aires, 1705)

(a) A renda desta quinta continua o Senhor Francisco Bragadas a pagá-la à mãe carinhosa dos enjeitados. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)

(b) Este olmo que ainda tem um sinal de letras, fui eu que o plantei há vinte e três anos. (C. Branco, 1825: Maria Moisés)

(d) Estes conselhos e estas informações que os dêem o Oliveira Martins e o Chagas, que põem as suas fitas e vão com elas ao paço e às Câmaras. (R. Ortigão, 1736)

Em contrapartida, os dados dos autores nascidos nos séculos 18 e 19 apresentam ocorrências com sujeitos deslocados por movimento longo. Nessas produções, o sujeito de uma oração subordinada, formada com verbos transitivos ou intransitivos/inacusativos, precede o verbo da oração matriz. O sujeito da oração matriz, quando expresso, é realizado em posição pós-verbal:

(23)

(a) Um sinal em certas partes da cara dizem que produz um efeito maravilhoso. (C. de Oliveira, 1702)

(b) Êstes dois homens dizem que são dois estudantes de Coimbra. (M. de Alorna, 1750).

(c) Os nossos corações penso eu que estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam. (C. Branco, 1825: Amor de Perdição)

(d) Esta carta reconheço que não é alegre. (R. Ortigão, 1825)

Registrei, no corpus, ocorrências desse tipo de construção com clíticos na oração matriz em posição de ênclise:

(24)

(a) O nosso Pantaleão parece-me que desta vez que sincou (A. Garrett, 1799: Teatro).

(b) O canario, pede-me minha filha que lhe diga que era lindo: sabe? (A. Garrett, 1799: Cartas)

(c) A pista das corridas sabe-se que é a mais bela do mundo. (R. Ortigão, 1836)

Considerando o fato de essas construções serem produzidas por autores nascidos no final do século 18 e meados do século 19, justamente no período em que a mudança se torna mais estável na língua, essas construções podem ser interpretadas como estruturas de tópico formadas pela nova gramática. Assim, proponho que o uso de clíticos em ênclise nessas construções define a ordem SV

desse novo sistema gramatical, que não licencia uma posição de tópico interna à oração. Nessas construções, o sujeito da oração subordinada ocupa uma posição de adjunção ao núcleo Top2 da oração matriz.

Diferente do comportamento linguístico dos autores nascidos nos séculos 16 e 17, que manifestam estruturas de tópico e/ou foco por movimento longo exclusivamente no contexto de orações principais que projetam a ordem V2, os dados de autores nascidos no século 18 apresentam ocorrências de sujeito deslocado por movimento longo em configuração V3. Nessas construções, o sujeito deslocado de oração subordinada precede um sintagma explicitamente focalizado na oração matriz:

(25)

(a) Fénix só na Arábia se diz que sabe renascer das suas cinzas (M. Aires, 1705)

(b) A música já Vossa Mercê sabe que dura desde o princípio até ao fim, (A. da Costa, 1714).

(c) Um nunca eu pude saber quem era... mas o outro...! (A. Garrett, 1799: Teatro)

Nas bases da proposta cartográfica (RIZZI, 1997; 2004a), os núcleos projetados acima de Foc são os núcleos Top2 e Top1. Na análise que assumo, o deslocamento do sujeito passando sobre o objeto no Spec de Foc, uma posição A-barra, resultaria em violação das restrições de Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990). A formação dessas sentenças sem efeitos de minimalidade nos textos de autores nascidos no século 18 define o sujeito realizado em posição mais alta nessas sentenças na condição de um adjunto, gerado diretamente em posição de adjunção ao núcleo Top2.

Acentuo o fato de a mudança sintática operada nos textos dos autores nascidos a partir do século 18 não ser imediatamente visível no uso de sentenças raízes de ordem SV, com o sujeito expresso em posição pré-verbal. O sujeito é o constituinte que sofre maior

fronteamento nos dados dos autores dos séculos 16 e 17, por motivo de foco ou tópico. Nos textos dos séculos 16 e 17, conforme a pesquisa revela, a taxa média de uso de sujeito fronteado em sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem V2 é de 40,5%; nos textos do século 18, a frequência de uso de sentenças de ordem V2 com fronteamento de sujeito é de 67%. Em condição inversa ao licenciamento de objetos e sintagmas preposicionais fronteados, que apresentam evolução da frequência de uso menor do século 18 para o século 19, a frequência de uso de sujeito pré-verbal em sentenças de ordem V2 aumenta em todos os contextos nesse período.

Portanto, uma maior produtividade de fronteamento de sujeito corresponde à diminuição, na mesma proporção, da frequência de objetos e sintagmas preposicionais fronteados. Assumo a correlação entre esses dois fatos linguísticos como evidência empírica da atuação de gramáticas subjacentes distintas em competição na produção escrita dos autores nascidos nesse período:

(27)

(a) Vossa Mercê sabe que na minha terra nem uma nem outra coisa é peixe podre. (C. de Oliveira, 1702)

(b) Os Soberanos têm um certo modo de olhar, de ver, de ouvir, de andar, de perguntar, e de responder, que só neles é natural. (M. Aires, 1705)

(c) Marco Terêncio Varrão escreveu comentários doutíssimos sobre a sua língua e uma gramática (A. Verney, 1713)

(d) O Papa tem nove ou dez mil escudos cada ano (A. da Costa, 1714)

A mudança com respeito à restrição de sujeito pré-verbal fronteado, por razões de tópico e/ou foco, é nitidamente evidenciada nas sentenças com clítico. O uso da ênclise nas sentenças de ordem SV com clíticos diferentes do pronome se passivo nos textos dos séculos 16 e 17 ocorre em contextos específicos: com o sujeito carregando a função de tópico em contraste, com o pronome se reflexivo ou com clíticos em ambientes de perífrase verbal.

Em outros ambientes, categóricos ou não categóricos, os clíticos, nessas construções, são realizados em posição de próclise. Uma mudança de comportamento é verificada nos textos dos autores nascidos entre 1702-1845. Seus dados apresentam variação de uso de sentenças de ordem SV com clíticos dispostos em próclise ou em ênclise em contextos não proclisadores. A variação de uso de clíticos em próclise/ênclise é mais acentuada nos textos dos autores nascidos no século 18; nos textos dos autores nascidos no século 19, a frequência predominante de sentenças de ordem SV com clíticos é verificada com esses pronomes em posição de ênclise, confirmando o resultado apresentado por Galves e Paixão de Sousa (2005), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), e Paixão de Sousa (2004).

Como hipótese de trabalho, proponho que a restrição de uso de sintagmas com funções gramaticais diferentes de sujeito e/ou de adjuntos adverbiais em posição pré-verbal em sentenças raízes e/ou subordinadas de ordem XV é promovida por mudança gramatical em processamento no português a partir do século 18. Esse novo sistema não licencia a subida do verbo finito para o núcleo Fin, não licenciando, por conseguinte, a projeção do núcleo Top dentro da estrutura prosódica da oração. A não projeção de núcleo Top dentro da oração explica a evolução da frequência de uso menor de objetos topicalizados na forma de estruturas de Topicalização-V2 e concomitante aumento da frequência de ocorrências de estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda nos textos dos autores nascidos entre o século 18 e meados do século 19.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentei uma síntese do resultado alcançado na pesquisa sobre os contextos de uso de estruturas de tópico e foco no português clássico. Ressaltei a diferença de comportamento sintático entre os autores nascidos nos séculos 16 e 17 e autores nascidos a partir do século 18 no licenciamento dessas construções. Mostrei que os autores nascidos nos séculos 16 e 17 fazem uso com frequência maior de estruturas de tópico e/ou foco na forma de estruturas de Topicalização/Focalização-V2,

dispondo de qualquer constituinte da oração, inclusive do sujeito, carregando essas funções em posição interna à estrutura prosódica da oração.

Descrevi os fatores de mudança de comportamento linguístico dos autores nascidos a partir do século 18 no uso dessas construções. Entre os fatores de mudança, destaquei a restrição da frequência de uso de sintagmas em posição pré-verbal carregando as funções de tópico e/ou foco na forma de estruturas de Topicalização-Focalização-V2, ocorrendo, concomitantemente, a evolução da frequência de uso maior de objetos topicalizados na forma de estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda com o pronome resumptivo em posição de ênclise. Como hipótese de trabalho, assumi que essas mudanças são motivadas pelo estabelecimento na língua, nesse período, de uma gramática que não licencia o núcleo Top dentro da estrutura prosódica da oração.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONELLI, A. L. "Aspectos da sintaxe de posição do verbo na história do Português Europeu". *Anais do SETA*, v. 2, 2008, p. 27-33.

BARBOSA, P. "Clitic Placement in EP". *Syntax Generals*, 1991, p. 1-54.

\_\_\_\_\_. "Clitic placement in European Portuguese and the position of Subjects." In: Halpern A.; Zwicky, A. M. (orgs). *Approaching Second: second position clitics and related phenomena*. Stanford: CSLI Publications, 1996. p. 1-40.

\_\_\_\_\_. Two kinds of subjects pro. Disponível em: <http://people.pwf.cam.ac.uk/mtb23/NSP/barbosa%20two%20kinds%20of%20subject%20pro.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

CINQUE, G. *Types of  $\bar{A}$ -Dependencies*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

GALVES, C. "Agreement, predication, and pronouns in the history of Portuguese". In: J. COSTA (ed.). *Portuguese Syntax: new comparative studies*. Oxford & New York: Oxford University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. Clitic-placement in the history of Portuguese and the syntax-phono-

logy interface. Ms. Unicamp, 1993.

GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. “Clitic placement and the position of the subjects in the history of Portuguese”. *Romance Languages and Linguistics Theory 2003, Selected Papers from ‘Going Romance’ 2003*. John Benjamins, 2005. p. 93-107.

GALVES, C.; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. “The change in clitic placement from Classical to modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus.” In: *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4 (1), 2005, p. 39-67.

KATO, M. A. “Tópicos como alçamento de predicados secundários”. *CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, Campinas, SP, Editora da Unicamp*, 34, 1998, p. 67-76.

\_\_\_\_\_. “Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro”. *Estudos Linguísticos, São Paulo*, 38 (1), 2009, p. 375-385.

OBENAUER, H. “On the Identification of Empty Categories.” *Linguistics Review*, n. 4, 1983, p. 153-202.

\_\_\_\_\_. *Aspects de la syntaxe A-barre*. 1994. Ph.D. diss., University of Paris VIII.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua Barroca: sintaxe e história do português nos anos 1600*. 2004. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

RAPOSO, E. “Clitic positions and verb movement.” In: Costa, J. (org.). *Portuguese syntax: new comparative studies*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 266-297.

RIBEIRO, I. M. O. *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. 1995. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

RIZZI, L. *Relativized Minimality*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

\_\_\_\_\_. “The fine structure on the left periphery”. In: Liliane Haegman (eds).

Elements of grammar: handbook of generative syntax. London: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 281-337.

\_\_\_\_\_. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. Disponível em: [http://ciscl.unisi.it/doc/doc\\_pub/Rizzi\\_2004-On\\_the\\_form\\_of\\_chains.pdf](http://ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/Rizzi_2004-On_the_form_of_chains.pdf). Acesso em 20 de novembro de 2007.

\_\_\_\_\_. “Locality and Left Periphery.” In: Belletti, A. (ed). Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures, vol.3, Oxford University Press, 2004a. p. 223-251.